

# *Boletim Cultural e Ecológico*

*A revista comunitária da Vila Clementino*

Ano 1 - Nº 7 - Resp.: José Carlos Corrêa Cavalcanti - F. 2506-8298 - vilaclementino.sp@gmail.com  
Novembro/2012 - Tiragem: 1.200 exemplares - [www.boletimculturalecologico.com.br](http://www.boletimculturalecologico.com.br)

# Breve reflexão sobre a Paz

de José Carlos Corrêa Cavalcanti

# Boletim Cultural e Ecológico

A revista comunitária da Vila Clementino

Ano 1 - Nº 7 - Resp.: José Carlos Corrêa Cavalcanti - F. 2506-8298 - vilaclementino.sp@gmail.com  
Novembro/2012 - Tiragem: 1.200 exemplares - www.boletimculturalecologico.com.br

## APOIO:



**Kyrial**  
clínica

*Dr. Marcelo Capuzzo*  
Professor Assistente de implantes na APCD

**IMPLANTES - CLÍNICA GERAL**  
**ODONTOLOGIA ESTÉTICA**  
**CLAREAMENTO**

Rua Madre Cabrini, 77 - Vila Mariana  
Rua Itapiru, 23 - Praça da Árvore  
Fones: 2276-7027 / 2613-1033  
Com estacionamento  
www.kyrialclinica.com.br



**repinte**  
técnica em pinturas

Hidrojetamento  
Impermeabilização de Superfícies  
Aplicação de Graffiato e Texturas  
Tijolo e Concreto Aparentes  
Pastilhas

**Pinturas:**  
Fachadas, Áreas comuns e Garagem

Rua Pedro Morganti, 126 - V. Mariana  
Tel/Fax: (11) 5084-9270 - 5083-8171  
[www.repinte.com.br](http://www.repinte.com.br)

**11 DE JUNHO**

**Centro Automotivo de**  
**Troca de óleo & Escapamentos**  
*Desde 1965 bem servindo a todos*

**Filtros**                      **Freios**

**Baterias**                  **Catalisadores**

**Av. 11 de Junho, 559 - Vila Clementino**  
**Fones: 5549-9080 / 5549-1874**  
[www.11dejunho.com.br](http://www.11dejunho.com.br)

# BREVE REFLEXÃO SOBRE A PAZ

José Carlos Corrêa Cavalcanti

No campo das coisas relativas, dos pares de opostos psicológicos — ou seja, a dimensão em que atualmente vivemos — não é possível se falar em paz sem falar-se em guerra, embora sejam conceitos opostos (e por isso mesmo).

O estreito relacionamento entre eles ficou patente no discurso que o presidente Barack Obama fez ao receber o prêmio Nobel da Paz, poucos meses depois do início de seu mandato, em 2009. Na ocasião, foi amplamente noticiado o fato de que, no citado discurso, a palavra “guerra” é mencionada mais vezes que a palavra “paz”.

De fato, li o texto e contei 30 ocorrências de “paz” e 45 repetições da palavra “guerra”. Vejamos um trecho do documento:

*"A guerra, em uma ou outra forma, surgiu junto com os primeiros seres humanos. Na alvorada da História, sua moralidade não era questionada; tratava-se de um simples fato, como as secas ou doenças; a forma pela qual primeiro tribos e depois civilizações buscavam o poder e resolviam suas diferenças.*

*Com o passar do tempo, e o surgimento de códigos legais que buscavam controlar a violência no seio dos grupos, filósofos, líderes religiosos e estadistas começaram a tentar regulamentar o poder destrutivo da guerra.*

*Emergiu o conceito de "guerra justa", que sugeria que a guerra só era justificada caso atendessem a determinadas condições: que fosse empreendida apenas como último recurso; que a força usada fosse proporcional e que sempre que possível os civis fossem poupados da violência.*

*Pela maior parte da História, esse conceito de guerra foi raramente respeitado. A capacidade dos seres humanos para conceber maneiras novas de matarem uns aos outros se provou inexaurível, bem como nossa capacidade de excluir de nossa clemência aqueles que têm aparência diferente da nossa ou oram a um Deus diferente."*

Poucos duvidam que nosso egocentrado e emocionalmente precário estado de consciência seja a matriz de todas as guerras e conflitos, mas não é aí que focamos nossas melhores reflexões e esforços visando a compreensão e mudança dessa natureza primitiva, tribal e predatória; aparentemente, não acreditamos em nossa capacidade de ir além dela — ou talvez não tenhamos suficiente interesse nisso.

Nosso mundo mental apoia-se em pares de opostos, que são sempre interdependentes, embora geralmente se considere um dos elementos do par como bom ou desejável, e condene-se como nefasto o respectivo oposto: o amor é o ideal, mas o ódio deve ser erradicado ou ao menos minimizado, o mesmo ocorrendo com o bem (desejável) e o mal (indesejável), alegria e tristeza, coragem e covardia, paz e guerra.

# BREVE REFLEXÃO SOBRE A PAZ

José Carlos Corrêa Cavalcanti

Infelizmente, a luta humana para erradicar o que se considera negativo em nossa mente, seja pela religião, seja pela educação e outros meios, tem se revelado inglória, pois os conteúdos indesejados insistem em ressurgir das cinzas para mostrar sua força destrutiva, sempre que as circunstâncias lhes forem favoráveis. É uma luta vã.

Escapa-nos, na verdade, que os opostos estão relacionados entre si, não sendo possível eliminar um deles sem que desapareça, também, o outro. Quando falamos em amor, paz, bondade, é sempre em relação aos respectivos opostos. Tanto assim que falamos muito em paz, enquanto nos preparamos para a guerra.

E essa ideia vem de longe. Em seu discurso anual para ambas as Casas do Congresso (em 8 de Janeiro de 1790), George Washington proferiu uma frase exemplar nessa direção:

"Estar preparado para a guerra é um dos meios mais eficazes de preservar a paz."

E o discurso de Obama também endossa essa ideia:

"... os instrumentos da guerra têm um papel a desempenhar na preservação da paz."

A certa altura, o texto cita John Kennedy para defender uma visão pragmática da paz, baseada na lenta evolução das instituições e dos relacionamentos entre os países:

*"Em termos concretos, devemos dirigir nossos esforços à tarefa que o presidente Kennedy propôs, muito tempo atrás: "Que nos concentremos", ele disse, "em uma paz mais prática, mais atingível, baseada não em uma repentina mudança da natureza humana e sim na evolução gradual das instituições humanas".*

Implicitamente, o discurso admite que a natureza humana é a grande responsável pelas guerras, mas põe o foco para as discussões sobre a paz nas instituições humanas, como os governos nacionais (e respectivos exércitos), a ONU e outras: a paz "atingível" decorreria da negociação política respaldada pelo poderio econômico-militar, algo parecido com o que se começou a fazer na Idade Média – quando os barões feudais descobriram que, diante de um razoável equilíbrio de forças, lutar por um pedaço de terra pode envolver custos maiores do que o próprio valor da coisa disputada, surgindo daí as negociações e os tratados de paz.

Por isso, tenho dúvidas se queremos *realmente* a paz ou, na verdade, impor nossos interesses e pontos de vista, valendo-nos de posições de força para levar vantagem nas discussões – atitude que vemos não apenas entre países e mandatários, mas também entre pessoas comuns, em todos os níveis sociais, e às vezes por questões mínimas.

# BREVE REFLEXÃO SOBRE A PAZ

José Carlos Corrêa Cavalcanti

## Uma guerra com paus e pedras

O domínio da energia atômica permitiu a produção de artefatos bélicos com potência suficiente para destruir a Terra inteira várias vezes, levando Einstein a nos advertir dramaticamente sobre os riscos de uma nova guerra de proporções planetárias:

"Não sei como será a terceira guerra mundial, mas sei como será a quarta: com pedras e paus."

Embora uma guerra mundial seja impensável hoje, vemos o apego ao poder como a causa de inúmeros conflitos armados em várias partes do mundo, trazendo horror, mortandade e crueldade infinitas (mas fazendo a alegria dos fabricantes de armas). Por isso, soa como o próprio elogio à irracionalidade a frase de Nietzsche (em Assim falava Zaratustra):

"Deveis amar a paz apenas como meio de novas guerras, e mais a paz curta do que a prolongada."

Essa linha de raciocínio acredita que é somente em meio a grandes dificuldades que emergem nossas virtudes, como a superação, a inventividade e a coragem.

Se tomarmos a palavra *guerra* metaforicamente, significando dificuldades, problemas e sofrimentos (mas não conflitos armados, que são o cúmulo da loucura humana), até certo ponto isso faz sentido — descartados os exageros — pois nas circunstâncias comuns de uma vida rotineira, previsível, o homem tende a se acomodar, assimilando um kit básico de valores morais, políticos e religiosos sem muito questionamento, e vivendo uma existência mediana guiado pelo princípio do prazer, sem nem sonhar com a evolução de sua consciência ou com a liberdade do espírito.

Obstáculos e dificuldades fazem o contraponto a essa visão limitada e abrem a possibilidade da transformação interior, não sem sofrimento, tornando possível, embora difícil, o despertar de uma nova consciência no ser humano.

Mas nossos hábitos, crenças e tradições criam sólidas raízes na mente e, como os ditadores, se opõem ferozmente a abrir mão do poder de nos comandar.

## Mudança de direção

Questionar a paz exterior não nos leva longe no sentido de mudar qualquer coisa; mas podemos aprender que o macromundo se comporta de acordo com o micromundo (cada um de nós). É por isso que se diz que todos somos responsáveis pelas tragédias humanas, pois temos em nós o potencial de reproduzi-las.

Assim, é apropriado trazer a questão da paz para o âmbito pessoal, que é a instância mais adequada para a compreensão da origem de todos os conflitos.

Vejamos então outras reflexões sobre esse tema:

# BREVE REFLEXÃO SOBRE A PAZ

---

José Carlos Corrêa Cavalcanti

- 1) "A paz não é apenas nosso objetivo final, é também a única maneira de conquistá-lo." (Martin Luther King)
- 2) "Não existe caminho para a paz; a paz é o caminho". (Gandhi)
- 3) "Estar em paz consigo próprio é o princípio certo para estar em paz com os outros." (Frei Luís de Leão)
- 4) "A paz da consciência é o maior de todos os dons. Uma pessoa com a consciência limpa não tem motivos para temer os espectros." (Lin Yutang)

A primeira, do grande ativista dos direitos civis Martin Luther King (que ganhou o prêmio Nobel da Paz em 1964, com apenas 35 anos), mostra a afinidade de seu pensamento com o de Gandhi, com a não violência e a desobediência civil como armas perante as injustiças.

Ao dizer que a paz é ao mesmo tempo o fim desejado e o meio para atingir esse fim, ele está falando praticamente o mesmo que Gandhi na segunda frase, em que diz que "a paz é o caminho", pensamento muito feliz pois mostra a inutilidade de procurar uma paz externa enquanto não houver sua realização no coração do ser humano.

Fazendo de suas vidas a transformação que desejavam para o mundo, ambos realizaram memoráveis feitos que mudaram a história de seus países e foram exemplos para o mundo todo.

Recordemos que Luther King foi assassinado, quando tinha apenas 39 anos de idade; o mesmo fim de Mahatma Gandhi. E também de John Lennon, que certa vez declarou: "Não me esperem ver atrás de barricadas, a menos que elas sejam de flores".

As outras frases focam na paz interior de cada indivíduo como sendo a chave para a paz mundial, o que é inteiramente razoável pois a consciência da humanidade é feita das consciências individuais, e muitas vezes a vida de um único ser humano leva muitos outros a uma notável transformação.

Creio que a maioria de nós deseja atingir um estado de paz interior, e aceita que uma pessoa nessas condições jamais será partidária de qualquer tipo de violência. A grande pergunta, então, seria: como obter uma perfeita e inabalável paz interna? será isso possível?

As respostas são individuais e têm sido buscadas, geralmente, no âmbito da religião. Mas o autoconhecimento e a meditação também podem nos ensinar alguma coisa.

Por exemplo, em meditação percebemos com clareza que não possuímos um eu interior independente, separado de nossos desejos, emoções, convicções, preferências, aversões e demais objetos da mente, que, por sua vez, dependem do lugar onde nascemos, da educação recebida, enfim, de nossa história de vida.

# BREVE REFLEXÃO SOBRE A PAZ

José Carlos Corrêa Cavalcanti

Esses conteúdos mentais são adquiridos pela experiência junto ao meio, raça e influências recebidas. Eles constituem nossa consciência, e, para todos os efeitos, passam por ser *nós mesmos*, isto é, assumem nossa identidade cósmica. Está claro que eles são relativos, condicionados, pois se tivéssemos crescido em outro país, com outra cultura, educação, religião e outros valores, veríamos o mundo e a nós mesmos de maneira muito diferente.

Ora, todas as vezes que dizemos “*eu acho...*”, estamos nos referindo ou dando voz a algum desses conteúdos. Assim, quando ocorrem conflitos pessoais, religiosos, políticos ou de outro tipo, são *esses objetos* que estão se manifestando, em desacordo com os de outros seres humanos.

Isso mostra que não há um ser interior isento, livre e consciente de si mesmo enquanto tal.

Se houvesse – e poderá haver, na realidade, sendo essa uma percepção extraordinária, a maior realização humana possível – as coisas seriam totalmente diferentes. Teríamos finalmente uma individualidade livre; o Ser não estaria identificado com o acidental, transitório, mutável e condicionado conjunto de valores, ideias, tendências, sentimentos, conhecimentos, preconceitos, crenças e ideologias que nos caracterizam a personalidade.

Perceberíamos enfim que essa mesma personalidade é o que tem respondido – falsamente, pois o faz a partir de seus condicionamentos – pelo que temos de mais essencial, mais íntimo, que é nosso próprio espírito.

Em nosso interior se localizam todas as paixões e pares de opostos emocionais onde ocorrem nossos movimentos internos de apreciação das coisas, muitas vezes transitando de um extremo a outro, e depois de volta ao primeiro.

Aí se encontra todo o material com que edificamos e destruímos, perdoamos e condenamos, amamos e odiamos: alegria e tristeza, prazer e dor, simpatia e antipatia, e todos os outros papéis emocionais com que nos identificamos em nosso complexo drama humano.

Mas nosso desafio real não é resolver a dicotomia guerra/paz no campo da personalidade, onde esse problema não tem solução final, apenas soluções parciais e provisórias que refletem nosso estado de consciência global.

O verdadeiro desafio é transcender essa consciência egocentrada e predatória, responsável por todas as guerras.